



Redação científica: A receita do bolo

Alvaro Francisco Lopes Sousa¹



Uma série de competições de culinária atualmente mostram competidores (Chefs ou cozinheiros amadores) exibindo sua melhor performance para convencer jurados (outros Chefs renomados) de que seu prato é o melhor. A cada programa, um novo desafio, seja pela necessidade de ser autoral ou de recriar outros pratos clássicos.

Aqueles que assistem esses *reality shows* de culinária, sabem que basicamente existem dois tipos de cozinhas/gastronomia: a cozinha quente e a pâtisserie, ou confeitaria. A maioria esmagadora dos competidores nesses programas preferem fazer “pratos quentes” e evita a confeitaria que, de forma simplista, é destinada a produção de doces e bolos. Mas por que isso acontece? Mesmo quando se trata de reproduzir pratos clássicos, não existem receitas para ambos?

Aí está a diferença! A cozinha quente permite que caso haja um “erro” durante a execução do prato, o cozinheiro possa realizar mudanças na receita e corrigir o mesmo. Ou seja, existe a receita, mas caso haja equívocos durante a sua preparação estes podem ser corrigidos: colocar mais sal, mais tempero, mais ingredientes.

Na confeitaria é bem mais complicado. A receita doce deve ser mais precisa, pois o erro só vai aparecer com o prato pronto/finalizado. Logo, dificilmente o cozinheiro terá tempo hábil para corrigir. Além disso, a conformação ou apresentação do prato na confeitaria é quase tão importante quanto o sabor, exigindo do cozinheiro uma habilidade de harmonizar o prato, torná-lo bonito e condizente com a proposta.

Mas, o que tudo isso tem a ver com redação científica? Na verdade, a relação entre esses programas e a construção e publicação de um manuscrito científico é bem clara. Todos os dias temos que mostrar para nossos jurados (revisores e editores) que nós, autores (cozinheiros/*chefs*, participantes dos programas) temos um bom prato (manuscrito), desenvolvido a partir de uma receita viável (método) e que aquele prato deve agradar o público/consumidor (leitor).

Assim como nos programas de culinária, receber uma receita facilita muito a vida do autor, afinal seria apenas seguir essa receita e fazer mais um artigo. No entanto, é na ousadia da confeitaria que os melhores autores nascem. Existem receitas de preparação de artigos científicos em uma gama de lugares: de passo a passo em sites da internet á fluxogramas e guidelines¹⁻² desenvolvidos por instituições e associações científicas de todo o mundo, e na verdade, todos podem ajudar bastante nessa árdua tarefa

de escrever um texto científico. O problema começa quando os autores, revisores e editores apoiam-se único e exclusivamente nessa “forma” e não aceitam mudanças fora dela.

Enquadram a criatividade do cientista em seções, com quantidades limitadas de palavras, verbos e tempos verbais adequados, entre outros. Transformam a redação científica em algo extremamente técnico em detrimento de um discurso argumentativo lógico de convencimento, de forma que temos uma pilha de “bolos” iguais, que até podem ser bonitos ou “arrumados”, mas não chegam a ser gostosos de degustar, tanto que muitos dos artigos publicados não tem sequer uma citação.

Seguindo essa lógica, eu poderia propor uma sequência lógica de escrita científica, poderia escrever mais três ou quatro páginas dizendo o que deve conter em cada seção, ou que não deve conter no título, e por aí adiante, mas seria apenas mais uma receita de como fazer mais um artigo comum e, talvez, aceitável.

Acredito que a maioria dos leitores desse texto, veio atrás dessa “fórmula”, é plenamente compreensível que façam isso, e há muito já desistiram desse texto. No entanto, aqueles que ainda permanecem, convido e provoço a tentar desenvolver sua própria receita autoral, apostando sempre na inovação e na tentativa de rompimento a regras de encarceramento da criatividade científica.

Referências

1. Tate RL, Douglas J. Use of Reporting Guidelines in Scientific Writing: PRISMA, CONSORT, STROBE, STARD and Other Resources. *Brain Impairm.* 2011;12(1):1-21. Available from: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/S1443964600002217>
2. Vandembroucke JP. STREGA, STROBE, STARD, SQUIRE, MOOSE, PRISMA, GNOSIS, TREND, ORION, COREQ, QUOROM, REMARK... and CONSORT: for whom does the guideline toll? *J Clin Epidemiology.* 2009; 62(6): 594 - 596. Available from: [https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356\(08\)00354-5/abstract](https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356(08)00354-5/abstract)

Discente de doutorado no Doutorado em Saúde Internacional do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT), da Universidade NOVA de Lisboa (UNL) e discente de doutorado em Ciências no Programa de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) da Universidade de São Paulo (USP). É Editor Associado da REPIS e consultor de dezenas de periódicos Regionais, Nacionais e Internacionais. Foi premiado duas vezes com o Peer Review Awards 2018-2019 da Thomson Reuters | Publons | Web of Science. É colaborador na Rede IberoAmericana de editoração Científica em Enfermagem (REDEdit).
E-mail: alvarosousa@usp.br